

REANÁLISE DAS APROXIMANTES NA LÍNGUA IKPENG: SUBSÍDIOS DIACRÔNICOS

REANALYSIS OF GLIDES IN IKPENG LANGUAGE: DIACHRONIC SUBSIDIES

Raniery Oliveira da Silva e Silva¹

RESUMO

Tem-se como objetivo principal apresentar uma discussão sobre os segmentos [j] e [w] na língua Ikpeng, haja vista as discordâncias nas análises realizadas para esses sons por Emmerich (1972), Campetela (1997) e Pachêco (1997, 2001). A discussão proposta busca explicar se é possível ou não determinar fonologicamente glides com natureza consonantal ou vocálica em Ikpeng, baseando-se numa análise da morfofonologia da língua, além de uma comparação com o Arara, seu parente linguístico mais próximo, mediante a utilização do método histórico-comparativo, para compreender a origem histórica desses segmentos na posição de ataque e de coda silábica e, a partir disso, discutir qual análise é melhor fundamentada por um viés histórico. A metodologia aplicada consiste na análise funcional da (morfo)fonologia Ikpeng e no Método Histórico-Comparativo, que permite recuperar aspectos fonológicos de uma protolíngua (Campbell, 1998; Crowley; Bower, 2010; Trask, 2015); os dados analisados são majoritariamente secundários, oriundos de trabalhos já publicados a respeito dos dois sistemas linguísticos que serão comparados.

Palavras-chave: Língua Ikpeng, Língua Arara, método histórico-comparativo, aproximantes.

ABSTRACT

The main objective is to present a discussion about the segments [j] and [w] in the Ikpeng language, given the disagreements in the analyzes carried out on these segments by Emmerich (1972), Campetela (1997) and Pachêco (1997, 2001). The proposed discussion seeks to explain whether or not it is possible to determine glides with a consonantal or vowel nature in Ikpeng, based on an analysis of the language's morphophonology, in addition to a comparison with Arara, its closest linguistic relative using the historical method -comparative, to understand the historical origin of these segments in the attack and syllabic coda position and, from this, discuss which analysis is best based on a historical bias. The methodology applied consists of the functional analysis of Ikpeng (morpho)phonology and the Historical-Comparative

¹ Mestre (PPGL/UFGA), doutorando em Estudos Linguísticos (PPGL-UFGA). Professor. E-mail: raniery.oliveira04@hotmail.com, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4930728109111532>, Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-7397-2035>.

Method, which allows the recovery of phonological aspects of a protolanguage (Campbell, 1998; Crowley; Bown, 2010; Trask, 2015); the data analyzed are secondary, originating from works already published regarding the two linguistic systems that will be compared.

Keywords: Ikpeng language, Arara language, historical-comparative method, glides.

Introdução

A fonologia da língua Ikpeng apresenta alguns contrapontos nas análises realizadas até então. Um deles diz respeito às aproximantes /j, w/, que receberam tratamentos diferentes em cada uma das análises. Evidentemente, conforme explanam Massini-Cagliari e Cagliari (2012, p. 139), cada língua apresenta um comportamento para fonemas representados por /j/ ou /w/, sendo considerados ora fonemas consonantais, ora fonemas vocálicos; e cabe aos linguistas, mediante os argumentos de suas análises fonológicas, determinar qual comportamento assume para esses segmentos numa determinada língua. O ponto central deste artigo é discutir se é possível ou não determinar a presença de aproximantes (ou glides) com características consonantais e também a distribuição desses segmentos de acordo com o padrão silábico do Ikpeng. Essa discussão baseia-se no fato de que há diversas propostas nos principais trabalhos que abordam a fonologia do Ikpeng: Emmerich (1972), Campetela (1997) e Pachêco (1997, 2001). Além disso, uma revisão da fonologia Ikpeng é apresentada por Nascimento, Alves e Chagas (2018), cuja análise em torno das aproximantes ficou em aberto em virtude da falta de evidências para se determinar a natureza consonantal ou vocálica dos segmentos representados pelos autores como [i] e [u], bem como para se apoiar ou refutar as análises de Emmerich (1972), Pachêco (1997, 2001) ou Campetela (1997).

A (re)análise que se defende neste trabalho é de que é possível propor aproximantes tanto com características consonantais quanto com vocálicas, a depender da posição que ocupam na sílaba. Essa interpretação se dá mediante dois vieses de análise: (1) pela análise funcional de tais fonemas, com base na morfofonologia dos prefixos pessoais de acordo com Pachêco (2001, 2007) e Chagas (2013); e (2) pela comparação entre o Ikpeng e seu parente linguístico mais próximo,

o Arara (do Pará)², para se identificar a fonte histórica das aproximantes e determinar os percursos históricos traçados para dar apoio à interpretação sincrônica desses sons, visto que as alomorfas encontradas na língua são também resultados das mudanças que ocorreram entre a língua ancestral, denominada Proto-Iriri (Silva, 2023b), e o Ikpeng moderno.

O povo Ikpeng vive na Terra Indígena do Xingu, no estado do Mato Grosso, possuindo cerca de 584 pessoas (Siasi/Sesai, 2020), cuja língua pertence à família linguística Karíb (Rodrigues, 1986). Sua classificação interna à família é dentro do grupo Arara³, junto com seu parente linguístico mais próximo, o Arara do Pará; o grupo Arara, por sua vez, está alocado dentro do Ramo Pekodiano. O povo Arara situa-se no estado do Pará, na Terra Indígena Cachoeira Seca com cerca de 1900 pessoas (IBGE, 2022). Segundo o que foi apontado por Menget (1977) e Pinto (1989), as línguas Ikpeng e Arara seriam codialeto, o que levou muitos estudos a citá-los como tal, como se vê por exemplo em Meira e Franchetto (2005).

O primeiro estudo sobre a fonologia Ikpeng foi realizado por Emmerich (1972), no qual a autora diz não haver fonemas aproximantes, mas sim alofones das vogais /i, u/ que se realizam nas margens silábicas, representadas como [i̠] e [u̠], respectivamente. Já Pachêco (1997) estabelece a presença de fonemas aproximantes em Ikpeng pois apresentam comportamento consonantal; porém o autor não fundamenta sua escolha em favor de considerá-los consoantes. Campetela (1997) também propõe aproximantes para o quadro fonológico consonantal do Ikpeng, definindo uma categoria de semiconsoante (ou semivogais) a eles, já que ora se comportavam como vogais ora como consoante, mas também não definiu com muita clareza quando ocorrem como vogais ou como consoantes. A mais recente proposta é a de Pachêco (2001) em que esses segmentos agora recebem uma nova classificação: podem ser consonantais ou derivados de vogais assilábicas.

² O termo “Arara do Pará” é utilizado para se referir à língua pertencente à família Karíb que vive no estado do Pará, para diferenciar de outros povos indígenas que também são ou eram identificados como “Arara”: Arara-Karo (Ramarama, Tupi), de Rondônia; os Arara do Acre (da família Pano); e os Arara do Mato Grosso, que não falam mais sua língua nativa (S. Souza, 2010, p. 3).

³ Carvalho (2020) apresenta argumentos em favor de se incluir ao grupo as línguas já extintas †Apiaká, †Pirirí e †Yarumá, e nomeia o grupo de *Kampot*, palavra para ‘fogo’ nas línguas do agrupamento já conhecido como Arara na literatura.

Essa discordância entre os autores reflete pontos importantes da análise linguística: a coleta e tratamento de dados obtidos da língua e o viés de análise empregado pelo linguista. A reinterpretação apresentada nesse trabalho também busca trazer contribuições para o conhecimento de uma das línguas Karíb do Sul para, assim, contribuir para uma maior compreensão dos percursos históricos que se define para protofonemas.

Os dados aqui analisados são majoritariamente secundários, oriundos de trabalhos já publicados sobre o Ikpeng e o Arara. Além disso, contamos com dados cedidos pela professora e pesquisadora Dra. Angela Chagas, coletados em viagens de campo à comunidade Ikpeng entre o período de 2009 e 2015. Por fim, contamos também com dados que foram obtidos em novembro de 2022 por meio de dois colaboradores Ikpeng: Yakuna Ullillo Ikpeng (Korotowĩ Taffarel) e Aggru Txicão (Maiua Poanpo Txicão), o que possibilitou uma expansão do banco de dados.

A metodologia consiste na análise da morfofonologia do Ikpeng a partir dos estudos de Pachêco (2001, 2007) e Chagas (2013) e também da aplicação do método histórico-comparativo, que permite recuperar a história de línguas aparentadas postas em comparação, para propor os desenvolvimentos que os fonemas sofreram até as línguas atuais (Campbell, 1998; Clowley; Bower, 2010; Trask, 2015).

O texto consiste, inicialmente, na explanação das análises dos autores consultados; em seguida, apresenta a reinterpretação dos segmentos, primeiro em relação ao ataque silábico com apoio da morfofonologia, segundo em relação à coda, comparando o Ikpeng com Arara, comparação essa apresentada inicialmente em Silva (2023b).

Divergências nas propostas de análise

A primeira análise para os segmentos [j] e [w] foi feita por Emmerich (1972), que afirma que essas aproximantes se tratam de vogais assilábicas quando estão contíguas à vogal, tanto em posição de ataque quando de coda silábica. A autora argumenta em favor de sua escola mediante a análise do padrão silábico da língua, que a descreve de acordo com a fórmula (C)V(C), para evitar que padrões complexos, com encontros de consoantes no ataque ou na coda da sílaba, principalmente os que ocorrem entre oclusivas e líquidas. A autora levanta duas possibilidades:

- a) Interpretar os segmentos como consoantes e acrescentar ao inventário de sílabas os padrões fonéticos [V̥V, V̥V, CV̥V, CV̥V, V̥VC, V̥VC, V̥VV] como /CV, VC, CVC/ por analogia com padrões não problemáticos (complexos);
- b) Interpretar os segmentos como vogais assilábicas, variantes posicionais de /i/ e /u/. Essa alternativa apresenta economia no inventário dos fonemas, sem acrescentar novas consoantes (aproximantes) nem vogais.

A autora escolhe o segundo critério, tendo em vista ser o mais econômico para a análise fonêmica e também se apoia nos dados que apresentam segmentos vocálicos contíguos, que apresentam variação entre V̥ e V:

Ikpeng	Glosa
[ʔuot] ~ [u.ʔot]	‘peixe’
[ʔmui] ~ [mu.ʔi]	‘canoa’
[geu.ʔri] ~ [ge.u.ʔri]	‘minha casa’
[ʔkai] ~ [ka.ʔi]	‘ralador’

Fonte: Emmerich (1972, p. 18)

Evidentemente, a escolha poderia ser baseada na observação fonética dos dados, o que mostra sílabas complexas, com encontros de consoantes em posições de ataque ou coda; assim os segmentos [j] e [w] poderiam ser facilmente acrescentados ao conjunto das consoantes. Porém, a autora reitera a escolha de um padrão como (C)V(C) por conta dos encontros também observados das oclusivas com as líquidas [br, bl, gr, gl], que autora define como heterossilábicos porque: (i) não ocorrem em início nem em fim de enunciado; (ii) observou-se que há alternância entre [V.CCV] [VC.CV], mesmo esporadicamente; (iii) essa interpretação evita sílabas com margens complexas e faz coincidir as sílabas fonêmicas com os padrões não complexos observados. Essa proposta deixa as aproximantes de fora do quadro fonológico consonantal da língua Ikpeng e os faz ser analisados apenas como alofones de vogais altas /i, u/.

Em contrapartida, Pachêco (1997, p. 22) discorda da proposta feita por Emmerich, afirmando que os segmentos /j/ e /w/ se comportam claramente como consoantes. Entretanto, o autor não apresenta subsídios suficientes para justificar a escolha em favor de considerá-los consoantes e não vogais. Além disso, também considera o padrão silábico do Ikpeng de modo semelhante à Emmerich, com a fórmula (C)V(C).

Já Campetela (1997) utiliza a teoria fonológica de traços distintivos e utiliza a oposição entre traços [VOCÁLICO] e [CONSONANTAL], afirmando que os glides possuem como característica [-VOCÁLICO] e [-CONSONANTAL], o que leva a autora categorizá-los como semiconsoantes (Campetela, 1997, p. 32-33). Com isso, o padrão silábico do Ikpeng é acrescido de mais quatro configurações, além dos já propostos por Emmerich (1972) e Pachêco (1997), a saber: VCS, SVC, CSV, VSC, conforme os exemplos abaixo:

Ikpeng	Padrão silábico	Glosa
/yon'ko/	SVC.CV	‘onça preta’
/yapi'ga/	SV.CV.CV	‘macaco preto’
/o'goy/	V.CVS	‘cobra’
/'muy/	CVS	‘canoa’
/a'wit/	V.SVC	‘ele bate’
/ya'kwa/	SV.CSV	‘tucano’

Fonte: Campetela (1997, p. 33-34)

Em uma nova análise, Pachêco (2001) afirma que é possível encontrar dois tipos de glides em Ikpeng: um que ele caracteriza como derivados [i̯] e [u̯], alofones de /i/ e /u/, e os glides com comportamento mais consonantal. A distinção entre os dois é definida pelo autor pelo comportamento que os glides consonantais apresentariam, geralmente se realizando como fricativas [j] e [β], respectivamente, em oposição aos derivados, sendo estes vogais que estariam antes ou após vogais que são o núcleo silábico.

Ikpeng	Glosa
/awiana [aβia'na] /	‘porco queixada’
/tawule/ [taβu'le]	‘leve’
/tʃiwan/ [tʃi'βan]	‘arraia’
/yai/ [ʔjai]	‘árvore’
/tuyai/ [tu'jai]	‘rato’

Fonte: Pachêco (2001, p. 36)

A proposta de Pachêco (2001) parece possuir mais subsídios ao definir como se comportam o que ele chama de glides consonantais (com realizações fonéticas fricativas) e os derivados, estando apenas contíguos à vogal que é o núcleo da sílaba.

Um problema para essa análise é, conforme mencionam Nascimento, Alves e Chagas (2018, p. 33), o fato de o autor não deixar claro como os glides se comportam na sílaba em Ikpeng, sendo notado por ele apenas uma variação entre $\sqrt{}$ e V, bem como Emmerich (1972), que compreende as configurações V, VC, CV, CVC. Nesse caso, Nascimento, Alves e Chagas (2018) interpretam os glides derivados como não pertencentes ao padrão silábico fonológico da língua, mas sim como configurações fonéticas, o mesmo que havia sido interpretado por Emmerich (1972).

Há ou não aproximantes consonantais em Ikpeng?

A primeira proposição que precisa ser feita é a determinação de aproximantes consonantais em Ikpeng. A análise defendida nesse trabalho é em favor de que é possível definir aproximantes como consoantes na língua Ikpeng; não apenas considerando-se padrão silábico, mas partindo para análises morfológicas e morfofonológicas, como será discutido a seguir. De acordo com Pachêco (2001), os prefixos pessoais do Ikpeng apresentam uma alomorfia fonologicamente condicionada de acordo com o segmento que inicia a raiz: se a raiz inicia-se por consoante, o prefixo apresenta um comportamento vocálico; se se inicia por vogal, o prefixo apresenta-se com comportamento consonantal. Além disso, quando prefixados a verbos, são também determinados de acordo com a valência verbal: há uma série utilizada para verbos transitivos e outra para os intransitivos. Chagas (2013) aprimora essa análise ao definir melhor essas alomorfias tanto em relação à distribuição dos prefixos entre verbos transitivos e intransitivos quanto em relação à alomorfia fonologicamente condicionada. Os exemplos a seguir foram extraídos de Chagas (2013), Pachêco (2001) e também de algumas coletas de dados feitas com colaboradores Ikpeng em 2022; o quadro 1 apresenta os morfemas quando estão diante de raiz que se iniciam por vogal:

Quadro 1: Alomorfes dos prefixos pessoais diante de raízes iniciadas por vogal

V	Ikpeng	Glosa	Ikpeng	Glosa
E	$\sqrt{\text{eneng-}}$	‘ver’	$\sqrt{\text{aginum-}}$	‘chorar’
R	y -eneng-lĩ	‘eu o vi’	g -aginum-lĩ	‘eu chorei’
B	g -eneng-lĩ	‘ele me viu’	w -aginum-lĩ	‘você chorou’
O	ugw -eneng-lĩ	‘você me viu’	ug -aginum-lĩ	‘nós choramos’
S				

	m -eneng-lĩ	‘você o viu’	y -aginum-lĩ	‘ele chorou’
	kur -eneng-lĩ	‘nós o vimos’		
	ugw -eneng-lĩ	‘ele nos viu’		
N O M E S	√-ara	‘igual a’	√erem-	‘pescoço’
	g -ara	‘igual a mim’	g -erem-txi	‘meu pescoço’
	w -ara	‘igual a ti’	w -erem-txi	‘teu pescoço’
	ugw -ara	‘igual a nós’	gw -eremp-txi	‘nosso pescoço’
	y -ara	‘igual a ele’	y -eremp-txi	‘pescoço dele’

Os prefixos destacados acima são alguns exemplos dos que são realizados diante de raízes iniciadas por vogal. Abaixo, podemos ver os que se realizam quando a raiz se inicia por consoante:

Quadro 2: Alomorfes dos prefixos pessoais diante de raízes iniciadas por consoante

V	Ikpeng	Glosa	Ikpeng	Glosa
E R B O S	√moyngnĩ-	‘alegrar’	√tontĩpore-	‘enlouquecer’
	ye -moyngnĩ-lĩ	‘eu o alegrei’	ye -tontĩporenop-lĩ	‘eu o enlouqueci’
	ĩ -moyngnĩ-lĩ	‘ele me alegrou’	ĩ -tontĩporenop-lĩ	‘ele me enlouqueceu’
	wĩ -moyngnĩ-lĩ	‘você me alegrou’	wĩ -tontĩporenop-lĩ	‘você me enlouqueceu’
	me -moyngnĩ-lĩ	‘você o alegrou’	me -tontĩporenop-lĩ	‘você o enlouqueceu’
	kut -moyngĩ-lĩ	‘Nós o alegramos’	kut -tontĩporenop-lĩ	‘Nós o enlouquecemos’
	wĩ -moyngĩ-lĩ	‘Ele nos alegrou’	wĩ -tontĩporenop-lĩ	‘Ele nos enlouqueceu’
N O M E S	√-txin	‘ao lado’	√lu	‘língua (órgão)’
	ĩ -txin	‘ao meu lado’	ĩ -lu	‘minha língua’
	o -txin	‘ao teu lado’	o -lu	‘tua língua’
	wĩ -txin	‘ao nosso lado’	wĩ -lu	‘nossa língua’
	i -txin	‘ao lado dele’	i -lu	‘língua dele’

Com a alomorfia fonologicamente condicionada, é possível detectar a natureza do segmento que inicia a raiz verbal ou nominal. Como se observa abaixo, há uma realização específica quando a raiz se inicia por uma aproximante:

Quadro 3: Alomorfes dos prefixos pessoais diante de raízes iniciadas por /w/

V	Ikpeng	Glosa	Ikpeng	Glosa
E R B	√wo-	‘matar (flechar)’	√wiante-	‘esfriar’
	ye -wo-lĩ	‘eu o matei’	ko -wiante-lĩ	‘eu (me) esfriei’

O S	i-wo-lĩ	‘ele me matou’	me-wiante-lĩ	‘você (se) esfriou’
	wĩ-wo-lĩ	‘você me matou’	kut-wiante-lĩ	‘nós (nos) esfriamos’
	me-wo-lĩ	‘você o matou’	e-wiante-lĩ	‘ele (se) esfriou’
	kut-wo-lĩ	‘Nós o flechamos’		
	wĩ-wo-lĩ	‘Ele nos flechou’		
N O M E S	√wat	‘fezes’	√wĩn	‘facão’
	i-wet	‘minhas fezes’	i-wĩn	‘meu facão’
	o-wet	‘tuas fezes’	o-wĩn	‘teu facão’
	ugu-wet	‘nossas fezes’	yu-wĩn⁴	‘facão dele’
	i-wet	‘fezes dele’	tĩ-wĩn	‘facão dele mesmo’

Como se observa, os prefixos pessoais se realizam diante de /w/ com os mesmos alomorfes que são encontrados quando a raiz se inicia por qualquer outra consoante. Isso evidencia que, em Ikpeng, há um comportamento consonantal desse segmento, o que determina a alomorfia encontrada nos dados em Chagas (2013). Se houvesse um comportamento vocálico desses segmentos, os prefixos se realizariam com outros alomorfes que foram mostrados no quadro 1.

Um exemplo que deixa mais evidente essa análise é *kutwianteli* ‘nós (nos) esfriamos’. Segundo Pachêco (2001) e Chagas (2013), o prefixo {kut-} se realiza como {kur-} diante de vogais, o que não acontece no caso do verbo ‘esfriar’, mas ocorre com o verbo *kurerengli* ‘nós o vimos’; deixando, mais uma vez, evidente que o que se encontra na raiz verbal de ‘esfriar’ é um segmento com comportamento consonantal.

A análise com base na morfofonologia do Ikpeng ajuda a definir a presença de aproximantes consonantais na língua. Entretanto, a mesma análise só permite definir a característica consonantal na posição de ataque e não pode abranger as realizações de glides em posição de coda silábica, já que os dados obtidos até o momento não favorecem esse mesmo critério de análise por meio de processos morfofonológicos.

Comparação com a língua Arara

⁴ Os dados para ‘facão’ são provenientes de Pachêco (2001, p. 279-280). Não há clareza nos dados do autor sobre o prefixo {yu-} notado em seus dados; porém, nossa hipótese é de que o prefixo seja {i-} (como esperado por se realizar diante de consoante), e a vogal [u] deve ser uma epêntese ocorrida em razão da natureza do segmento [w] adjacente. Isso pode ter ocorrido porque a transcrição desse dado foi feita por colaboradores indígenas a partir de textos da língua Ikpeng, sem muito treinamento linguístico, conforme menciona Pachêco.

Pela falta de maiores subsídios morfofonológicos para aproximantes em coda, buscamos realizar uma análise comparativa do Ikpeng com seu parente linguístico mais próximo, a língua Arara (do Pará), que também apresenta algumas propostas: a primeira de I. Souza (1988, 2010); outra feita por Ferreira-Alves (2010, 2013, 2017). A comparação entre essas línguas surge como alternativa para se entender a origem dos segmentos em posição de coda em Ikpeng mediante o seu desenvolvimento histórico a partir do ancestral linguístico, denominado por Silva (2023b) de Proto-Iriri.

Inicialmente, na língua Arara, de acordo com Ferreira-Alves (2017), todos os encontros vocálicos são heterossilábicos. Sendo assim, encontros como /Ve/, /Vi/, /Vɨ/, /Vo/ e /Vu/ são interpretados fonologicamente como duas sílabas. Quando estão em final de vocábulo, a última é sempre tônica, conforme os exemplos abaixo:

Arara	Glosa	Fonte
ae [a. 'ɛ]	‘abelha’	Alves (2017, p. 36)
kui [ku. 'i]	‘pássaro sp.’	I.Souza (2010, p. 94)
ogoi [o.go. 'i]	‘cobra’	Alves (2017, p. 36)
karei [ka.re. 'i]	‘não indígena’	Alves (2017, p. 36)
oboi [o.bo. 'i]	‘roupa’	S.Souza (2010, p. 39)
pou [po. 'u]	‘porco’	Alves (2017, p. 36)
kuo [ku. 'ɔ]	‘sapo’	Alves, (2017, p. 36)
idua [i.du. 'a]	‘mata’	Alves (2017, p. 36)
mure [mu.re. 'i]	‘banco’	I.Souza (2010, p. 21)
i		

Como se observa, não há glides em posição de coda em Arara (Ferreira-Alves, 2017, p. 33-36). Por outro lado, I. Souza (2010, p. 20) menciona uma variação em fala espontânea da pronúncia de encontros vocálicos quando a segunda vogal é uma vogal alta /i/ ou /u/, como [ku'i ~ 'kuɨ], [mure'i ~ mu'reɨ] e [po'u ~ 'poɨ]. O autor analisa como uma variação de acento, cujas variantes apresentam-se ora numa forma dissilábica ora monossilábica na fala não monitorada e somente com [i] ou [u]. Essa variação de acento presente em Arara é semelhante ao que foi registrado por Emmerich (1972).

Uma comparação dos itens lexicais do Arara com Ikpeng revela que os glides em posição de coda em Ikpeng correspondem às vogais tônicas em Arara, conforme aponta Silva (2023b, p. 162):

Quadro 4: Comparação entre Arara e Ikpeng

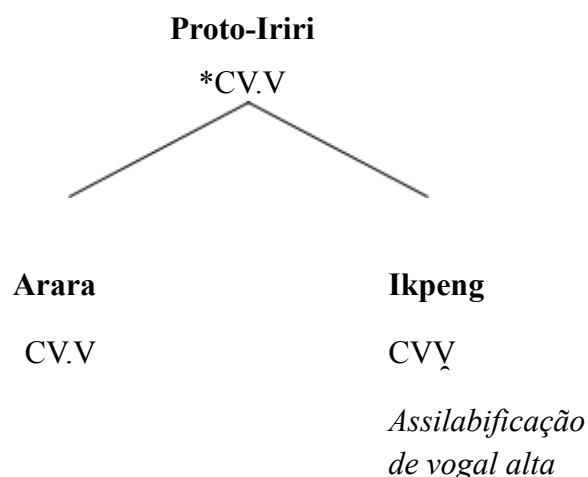
Arara	Ikpeng	Glosa
kui [ku'i]	kuy ['kuj]	'pássaro sp.'
ogoi [ogo'i]	ogoy [o'goj]	'cobra'
karei [kare'i]	karey [ka'rej]	'não indígena'
oboi [obo'i]	ewoy [e'woj]	'roupa'
pou [po'u]	pow ['pow]	'porco'
jei [je'i]	jaj ['ja]	'árvore'

Essa comparação revela as seguintes correspondências:

Ikpeng *j : i* Arara
 Ikpeng *w : u* Arara

E são essas correspondências que evidenciam que, no Proto-Iriri, havia apenas vogais tônicas nessa posição em que se encontram glides em Ikpeng. Portanto, a origem desses segmentos é vocálica e não consonantal. Silva (2023b, p. 172-173) propõe, então, como reconstrução **CV.V*; se a segunda vogal fosse **i* ou **u*, ela passa por um processo de assilabificação, tornando-se um glide derivado, conforme representado abaixo:

Figura 1: Percurso histórico da protovogal alta em coda silábica



Essa reconstrução se fundamenta com base no princípio de economia. É foneticamente mais provável uma mudança afetar duas vogais, tornando uma assilábica, reduzindo duas sílabas a uma. Outro fundamento é o fato de o acento em Arara preferencialmente recair na última vogal, sendo ela tônica. Em Ikpeng, foi registrado por que Emmerich (1972, p. 18-19) uma variação de acento em alguns itens lexicais, inclusive quando se recebia o sufixo de posse {-n}:

Quadro 5: Variação de aceno em encontros vocálicos em Ikpeng

Ikpeng	Glosa
[mu'i ~ 'muĩ]	‘canoa’
[mu'in ~ 'muĩn]	‘canoa de alguém’
[ebo'i ~ e'boĩ]	‘roupa’
[obo'in ~ o'boĩn]	‘tua roupa’
[ka'i ~ 'kai]	‘ralador’
[ka'in ~ 'kaiĩn]	‘ralador de alguém’
[ra'ik ~ 'raiĩk]	‘tatu sp.’
[a'um ~ 'auĩm]	‘rabo’

Essa alternância de acento parece não ter sido registrada nos dados do Ikpeng coletados mais recentemente. Isso significa que a mudança pode ter se concretizado no sistema fonológico

da língua, mas a

alternância registrada por Emmerich (1972) mostra que, de fato, há um comportamento vocálico com esses segmentos em posição de coda silábica. Além disso, a autora também menciona o espraçamento da nasalidade do morfema {-n} para a vogal anterior a ele. Se de fato estudos fonético-fonológicos futuros confirmarem esse espraçamento, há então outro argumento em favor de se considerar esse segmento como uma vogal. Mesmo que o espraçamento da nasalidade não ocorra, há um fator que é preciso ser considerado: a fonotática do Ikpeng não permite duas consoantes nas posições de ataque ou de coda; sendo assim, não há como considerar nesses casos duas consoantes na posição final da palavra como /muĩn/ ou /kaiĩn/, pois isso feriria um princípio atestado em Ikpeng tanto por Emmerich (1972) quanto por Pacheco (1997, 2001). Interpretar esses segmentos como vogais resolve o problema em torno da fonotática.

Por fim, a comparação entre Ikpeng e Arara nos mostra que há uma clara correspondência entre as línguas quando se trata de consoantes aproximantes, assim como demonstramos acima com as vogais:

Quadro 6: Correspondências entre consoantes aproximantes de Ikpeng e Arara

w : w		Glosa	j : j		Glosa
Ikpeng	Arara		Ikpeng	Arara	
wot	wot	‘peixe’	wajo	wajo	‘cuia’
wawi	wabi	‘peixe sp.’	jaj	jei	‘árvore/lenha’
wago	wago	‘bicho preguiça’	je	je	‘mãe dele’
Wajum	wajum	‘abelha sp’	wajum	wajum	‘abelha sp’

Outras derivações de glides a partir de vogais

Além dos glides derivados mencionados acima, com uma origem vocálica e recuperável na história do Proto-Iriri (Silva, 2023b, p. 172-173), é possível também determinar outras derivações a partir de vogais que não foram mencionados em Pachêco (2001). Os prefixos pessoais são os que melhor representam esses casos. Abaixo listamos as alomorfias fonologicamente condicionadas para os prefixos pessoais da língua Ikpeng conforme é descrito em Chagas (2013).

Quadro 6: Prefixos pessoais da língua Ikpeng

	1		2		1+2		3	
	_C	_V	_C	_V	_C	_V	_C	_V
<i>A</i>	<i>je-</i>	<i>j-</i>	<i>me-</i>	<i>m-</i>	<i>kut-</i>	<i>kur- ~ kutf- ~ kw-</i>	<i>e-</i>	\emptyset -
<i>S</i> <i>A</i>	<i>ko-</i>	<i>k-</i>						
<i>S</i> <i>o</i> <i>O</i>	<i>i-</i>	<i>g-</i>	<i>o-</i>	<i>w-</i>	<i>wi-</i>	<i>ugw- ~ ug-</i>	<i>i- / ti-</i>	<i>j- / t-</i>

	_C	_V
<i>1A2O</i>	<i>ko-</i>	<i>kw- ~ k-</i>
<i>2A1O</i>	<i>wi-</i>	<i>ugw- ~ ug-</i>

Fonte: Adaptado de Chagas (2013, p. 186)

Os prefixos pessoais apresentam uma característica consonantal quando anexados a raízes com segmento inicial vocálico; e se apresentam com características vocálicas quando estão diante de raízes com segmento inicial consonantal. A alomorfia torna os morfemas constituídos de vogais em glides; bem como aqueles cujo último segmento também é uma vogal, como {ugw-} e {kw-}. Determinar esses elementos como glides derivados ajuda a interpretar fonologicamente dados com esses prefixos além das ocorrências em ambientes internos a morfemas como

constituindo sílabas separadas e, assim, não se propõe também nem sons labializados nem palatalizados. Dessa forma, os exemplos abaixo extraídos de Chagas (2013) e de Pachêco (2001) podem ser reanalisados com uma perspectiva fonética e uma fonológica.

Interpretação fonética	(Re)interpretação Fonológica	Glosa
[k ^w a.ran.me.li]	/ku.a.ran.me.li/	‘nós corremos’
[k ^w o.re.neŋ.li]	/ku.o.te.neŋ.li/	‘nós nos vimos’
[k ^w a.gi.num.bli]	/ku.a.gi.num.pli/	‘Eu fiz você chorar’
[ja.k ^w a]	/ja.ku.a/	‘tucano’
[k ^w api]	/ku.a.pi/	‘esteira’
[ta.g ^w am.te]	/ta.gu.am.te/	‘(está) afundado’
[u.g ^w a.gin.te.li]	/u.gu.a.gin.te.li/	‘nós adoecemos’
[u.g ^w a.gi.num.li]	/u.gu.a.gi.num.li/	‘nós choramos’
[u.g ⁱ am]	/u.gi.am/	‘eles’
[koŋ.go.n ⁱ e]	/koŋ.go.ni.e/	‘à tarde’
[mo.p ⁱ a]	/mo.pi.a/	‘palha de palmeira’

Essa análise permite compreender como os segmentos interagem de acordo com os processos morfofonológicos e fonológicos, evitando interpretar fonologicamente segmentos [k^w] ou [g^w] como consoantes labializadas e [nⁱ], [gⁱ] ou [pⁱ] como palatalizadas, e ajuda a interpretar os segmentos [w] e [j] como glides derivados de vogais.

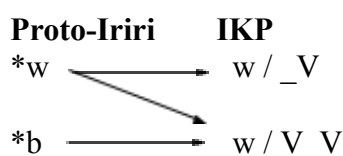
Essa análise também aproxima o Ikpeng do que foi proposto para o Arara, seu possível codialeto: de acordo com Ferreira-Alves (2017), não há consoantes palatais ou labializadas como fonemas na língua Arara.

Considerações à análise de glides consonantais e derivados

Como ficou demonstrado com o exposto acima, a interpretação dos segmentos aproximantes em Ikpeng em consonantais e derivados, proposta inicialmente por Pachêco (2001), mostrou-se bastante consolidada. Embora o autor não tenha definido a interpretação fonológica em relação à constituição das sílabas, o que ficou evidente após as análises dos dados é que, de fato, há uma distinção que se precisa fazer entre os glides de origem consonantal e vocálica.

Em relação aos glides derivados, ditos por Pachêco como consonantais por apresentarem uma variante fricativa, precisa-se esclarecer os seguintes pontos: Silva (2023b) reconstrói para o Proto-Iriri um fonema consonantal *w, que está presente nas línguas Arara e Ikpeng sincronicamente. Além disso, há outra origem em Ikpeng do segmento /w/, que é a lenição do protofonema *b quando se encontra intervocálico (Silva, 2023a, 2023b). A reconstrução de um *b se dá pela correspondência encontrada com Arara possuindo um fonema /b/ em posição intervocálica onde se encontra /w/ em Ikpeng. Mediante isso, Silva (2023a) apresenta os seguintes desenvolvimentos históricos:

Figura 2: Fusão dos fonemas *b e *w



Ainda segundo Silva (2023b), essa reconstrução recupera o estágio intermediário, em que ocorre primeiro a lenição de *b, tornando-se primeiro uma consonante *lenis*, depois uma fricativa [β], para então se tornar um glide labiovelar [w]. Os estágios seriam os seguintes: *b > *b̥ ~ *β > /w/. Essa variação de um fonema oclusivo com um fricativo foi registrada por Emmerich (1972, p. 8), que inclusive usa esse fato para propor uma consoante /b/ para o Ikpeng, o que foi refutado tanto por Pachêco (1997, 2001) quanto por Campetela (1997).

Esse fonema /w/ que é citado por Pachêco (2001) tendo um alofone fricativo [β] são todos intervocálicos, o que é compatível com as colocações de Emmerich (1972). Isso explica por que o autor sugeriu a variante fricativa do fonema /w/, pois a recorrência desse alofone corresponde às lenições que o protofonema *b sofreu entre o Proto-Iriri e o Ikpeng.

Emmerich (1972) também havia registrado fones fricativos palatais que ocorriam em ambiente intervocálico (V_V) e diante de vogal anterior /e/: [j] e [ɟ] respectivamente⁵. Pachêco (2001) registra os mesmos dados com fonema aproximante

⁵ Em Emmerich (1972, p. 11), encontram-se esses fones notados de acordo com a notação fonética da época. Os símbolos foram atualizados para os utilizados atualmente mediante a descrição da autora.

/j/, também utilizando essa variação fricativa para justificar a escolha de determinar esse fonema como consonantal.

O problema da análise de Pachêco (2001) de sugerir que as aproximante /w/ e /j/ seriam consonantais por apresentarem alofones fricativos apresentam os seguintes pontos: (1) não são todas ocorrências de /w/ de que se originam de uma lenição do *b, pois – como demonstra Silva (2023a, 2023b) – há um fonema consonantal *w que é reconstruível para o Proto-Iriri; (2) os dados coletados por Chagas durante viagens de campo entre 2009 e 2015 não registram as variações [w ~ β] ou [j ~ j ~ ʒ], isso também leva Nascimento, Alves e Chagas (2018) a avaliar esse critério de Pachêco (Op. Cit.) como insuficiente.

A ausência de dados atuais que corroborem a variação de aproximantes com fricativas enfraquece a proposta de Pachêco (*Ibid.*). Por isso, o tratamento dos fonemas de acordo com a morfofonologia parece apresentar mais subsídios com os dados atuais, além de permitirem uma perspectiva do ponto de vista do funcionamento do fonema e não apenas de definições com base em fonética. Como mencionam Massini-Cagliari e Cagliari (2012, p. 139), a interpretação desses segmentos como consoantes ou como vogais só faz sentido numa ciência como a fonologia, que determina o valor de segmentos como /j/ e /w/ na estrutura silábica de uma língua.

Considerações finais

Este artigo procurou propor uma reanálise das aproximantes /w/ e /j/ que ocorrem na língua Ikpeng, em virtude das discrepâncias entre as principais análises realizadas para a sua fonologia: Emmerich (1972), Campetela (1997) e Pachêco (1997, 2001), bem como a questão em aberto em Nascimento, Chagas e Vasconcelos (2018).

A partir da análise da morfofonologia dos prefixos pessoais, determinou-se que, na posição de ataque silábico, as aproximantes apresentam um comportamento claramente consonantal, pois determinam a alomorfia dos prefixos anexados a uma raiz verbal ou nominal prevista para demais consoantes da língua. Isso inviabiliza a proposta de Emmerich (1972), que considerou esses segmentos como vogais assilábicas independentemente da posição que ocupam na sílaba.

A análise na posição de coda foi possível mediante a comparação com a língua Arara, provável codialeto do Ikpeng, cujas correspondências mostram que as aproximantes em Ikpeng em posição de coda silábica correspondem a vogais tônicas em Arara, o indica que houve uma transposição de acento quando a última vogal era [i] ou [u] e isso tornou a vogal um glide, chamado de derivado.

Dessa forma, postula-se que, em Ikpeng, é possível encontrar glides com características consonantais que possuem uma origem histórica, atestada por Silva (2023a, 2023b), que estão preservados tanto em Ikpeng quanto em Arara (*Ibid.*, p. 154-161) e que estão restritos à posição de ataque silábico. Porém, é possível atestar glides que possuem uma origem vocálica, estes ocorrendo preferencialmente na coda. Essa proposta se aproxima do que foi apontado por Pachêco (2001).

A partir disso, delimitou-se analisar outras possíveis derivações de glides a partir de vogais, como os casos de encontros vocálicos internos a um morfema e de encontros vocálicos nas fronteiras de morfemas, como prefixos pessoais que possuem um alomorfe que se realiza como vogal diante de raízes iniciadas por consoante e que se tornam glides quando anexados a raízes que se iniciam por vogal. Essa análise permite uma interface entre uma concepção fonética e uma fonológica e permite não postular consoantes palatalizadas ou labializadas, mas sim permite a delimitação de fronteiras silábicas fonológicas sem a necessidade de se incluir complexidade de fonemas ou de padrões silábicos. Isso aproxima o Ikpeng do que foi também proposto para a língua Arara por Ferreira-Alves (2010, 2013, 2017).

Se se consideram esses pontos como forma de delimitar glides consonantais de glides derivados, então a proposta apresentada por Campetela (1997) de incluir os padrões silábicos VCS, SVC, CSV, VSC torna-se inviável; já que, além de apresentar pouca economia ao sistema acrescentando mais construções silábicas complexas, também pode ser reduzida à fórmula já proposta por Emmerich (1972) e por Pachêco (2001), sendo ela **(C)V(C)**. Isso porque, ao considerar encontros vocálicos heterossilábicos em Ikpeng, exclui-se a necessidade de se propor encontros complexos na língua, como **CVy**, **yVC**, **CyV**, **VyC** e **CVw**, **wVC**, **CwV**, **VwC**. Esses padrões se tornam uma concepção de sílabas fonéticas e que devem ser interpretado fonologicamente como /**CV.i**/, /**i.VC**/, /**Ci.V**/, /**ViC**/ e /**CV.u**/, /**u.VC**/, /**Cu.V**/, /**V.uC**/.

O que se pode observar a partir do exposto é que a proposta de Pachêco (2001) em determinar glides consonantais e derivados se mostrou eficiente; mas, a metodologia aplicada pelo autor encontra alguns problemas nos dados notados atualmente: conforme discutem Nascimento, Alves e Chagas (2018), não há evidências de uma clara variação entre [w] e [β] nos dados coletados mais recentemente para o Ikpeng e nem mencionam uma possível variação [j ~ j̃ ~ ʒ]. Por isso, com a proposta de análise a partir da morfofonologia do Ikpeng junto à comparação com seu parente linguístico mais próximo (Arara), é possível propor mais detalhadamente e claramente o comportamento que os segmentos aproximantes podem apresentar na língua a depender da posição que ocupam na sílaba e também mediante os processos morfofonológicos que desenvolvem no sistema linguístico. Assim, determina-se que glides consonantais estão restritos ao ataque silábico em Ikpeng, enquanto os derivados encontram-se preferencialmente na coda silábica.

Referências

- CAMPBELL, Lyle. *Historical Linguistics: An Introduction*. Massachusetts: The MIT Press, 1998.
- CAMPETELA, Cilene. *Análise do sistema de marcação de casas na língua Ikpeng*. Dissertação de Mestrado. IEL/UNICAMP: Campinas, 1997.
- CHAGAS, Angela F. A. *O Verbo Ikpeng: estudo morfossintático e semântico-lexical*. Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP: Campinas, 2013.
- EMMERICH, Charlotte. *A fonologia segmental da língua Txikão*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1972.
- FERREIRA-ALVES, Ana Carolina. *Phonological Aspects of Arara (Carib, Brazil)*. Dissertação de Mestrado. Radboud Universiteit Nijmegen, 2010.
- FERREIRA-ALVES, Ana Carolina. Aspectos fonológicos da língua Arara (Karib). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 8, n. 2, p. 265-277, maio-ago. 2013.
- FERREIRA-ALVES, Ana Carolina. *Morfofonologia, morfossintaxe e o sistema de tempo, aspecto e modo em Arara (Karib)*. Tese de Doutorado. USP, São Paulo, 2017.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. Fonética. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. (org.). *Introdução à linguística: domínio e fronteiras*, volume 1. 9. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012, p. 113-155.

MEIRA, Sérgio; FRANCHETTO, Bruna. The Southern Cariban Languages and the Cariban Family. *International Journal of American Linguistics*, v. 71, n. 2, p. 127-192, 2005.

MENGET, Patrick. *Nota de informação sobre o grupo Arara* (Frente de Atração Arara Altamira). Brasília-DF: s.ed., 1977-21 jul. 5).

NASCIMENTO, Amanda Dias do; CHAGAS, Angela F. A.; VASCONCELOS, Eduardo Alves. As divergências em análises fonológicas para o Ikpeng (Karib). *Revista Brasileira de Línguas Indígenas – RBLI*, Macapá, v. 1, n. 2, p. 19-35, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/linguasindigenas>. Acesso em: 09 de nov. de 2019.

PACHÊCO, Frantomé Bezerra. *Aspectos da gramática Ikpeng (Karib)*. Dissertação de Mestrado. IEL/UNICAMP: Campinas, 1997.

PACHÊCO, Frantomé Bezerra. *Morfossintaxe do verbo Ikpeng (Karib)*. Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP: Campinas: 2001.

PACHÊCO, Frantomé Bezerra. Morfofonologia dos prefixos pessoais em Ikpeng (Karib). *Estudos Linguísticos* (São Paulo), v. XXXVI, p. 268-277, 2007.

SILVA, Raniery Oliveira. Oclusivas vozeadas no subgrupo Arara-Ikpeng: perspectivas sincrônica e diacrônica. *Mandinga - Revista de Estudos Linguísticos*, v. 7, p. 101-118, 2023.

SILVA, Raniery Oliveira. *Reconstrução dos fonemas consonantais do Proto-Iriri (Karib)*. Dissertação (Estudos linguísticos). Programa de Pós-Graduação em Letras/UFPA. Belém, p. 215, 2023.

SOUZA, Isaac C. de. *Contribuição para a fonologia da língua Arara*. 1988. Dissertação de Mestrado. UNICAMP: Campinas, 1988.

SOUZA, Isaac Costa de. *A phonological description of “pet talk” in Arara*. Tese de Doutorado. University of North Dakota, 2010.

SOUZA, Shirley D. C. *The Morphology Of Nouns In The Ugoronmo Language (Arara Of Pará)*. Tese de Doutorado. University of North Dakota, 2010.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo – SP: Edições Loyola, 1989.

TEIXEIRA-PINTO, Márnio. *Os Arara: tempo, espaço e relações sociais em um povo Karibe*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 1989.

Recebido em: 31/10/2024

Aceito em: 14/04/2025